

Afinado com a vontade nacional

Com a oficialização de sua candidatura pela Aliança Democrática, na convenção do PMDB, Tancredo Neves lançou-se a uma campanha ambivalente, participando de comícios para atrair o apoio da população a suas teses e negociando maior número de votos junto aos delegados do colégio eleitoral. A seu adversário, Paulo Maluf, atribuiu apenas a imagem que lhe cabia: "A síntese do que estes 20 anos trouxeram de rebarbativo, de primário e negativo para o País". Despreocupado com a impertinência do deputado pedessista, que procurava adotar teses oposicionistas no desespero da derrota, em sua última entrevista como governador de Minas Tancredo deu mais uma lição de maturidade, observando que deixaria a Paulo Maluf o papel de fazer oposição. "E vou pensar em construir o futuro" — concluiu.

"Onde encontrar um auditório que me queira ouvir, eu estarei presente, levando minha mensagem" — anunciou em seu discurso de despedida do governo de Minas, em 14 de agosto. Para confirmar sua disposição de fazer uma campanha junto ao povo brasileiro, pouco depois desafiou Maluf para ir ao presidente Figueiredo pedir-lhe que sua sucessão fosse pela via direta. Acusado pelo governador cearense Gonzaga Mota de ter-lhe oferecido um Ministério em troca de seu apoio, Maluf dizia que a proposta de Tancredo era "pura demagogia", enquanto via a escolha dos delegados estaduais reforçar a perspectiva de sua derrota no colégio.

A tranqüilidade de Tancredo era contagiante. "Eu tenho certeza de que as coisas me favorecem de tal forma, que não há necessidade de perder a serenidade" — afirmou no dia 20 de agosto, mostrando que não temia o adversário e suas agressões. No dia seguinte, recebeu o apoio da Confederação Nacional da Indústria, através do presidente Albano Franco, também senador pelo PDS: "Tancredo aponta o futuro, acredita na esperança". Ainda no Rio, o governador Leonel Brizola lhe garantiu os votos do PDT no colégio eleitoral.

A devassa no governo, afastando aurelianistas e tancredistas, levou o ministro Camilo Penna à demissão. Seu substituto, o malufista Murilo Badaró, recebeu uma alfinetada: "Ele nada sabe sobre indústria". E ainda mandou um recado para o candidato do PDS: "Não ponha os militares no meio da disputa". Ele acreditava que não havia clima para golpe, mas considerou conveniente que Maluf ficasse na ilusão de vitória para que mantivesse sua candidatura. Desafiado por um debate público, frente às câmaras de TV, o ex-governador mineiro rechaçou novamente as ironias do adversário apenas apresentando seu currículo: "Tenho 40 anos de vida pública e não tenho medo de Maluf".

Apesar das respostas firmes, as provocações e ameaças à estabilidade continuavam. A 1º de setembro, Tancredo contra-atacou: "Só temos uma maneira de enfrentar a pressão oficial: pôr o povo nas ruas".

Configurando-se a derrota do candidato do PDS, os militares passaram a

desfechar seus últimos ataques aos "covardes e traidores", "mercadores travestidos em independentes de ocasião" — como definiu o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, na constrangedora visita do presidente Figueiredo a Salvador, acompanhado por Paulo Maluf. "Trair a Revolução é apoiar Maluf" — respondeu prontamente o ex-governador Antônio Carlos Magalhães. "Estou onde sempre estive" — acenou o vice-presidente Aureliano Chaves.

Mais uma vez sereno, Tancredo Neves afirmou categoricamente que não havia "crise militar", pedindo aos jornalistas que não espalhassem a sinistra. No mesmo 5 de setembro, o presidente Figueiredo alinhava-se com o candidato oposicionista: "Morro aqui mas não haverá golpe".

A votação da emenda Theodoro Mendes, que propunha Diretas Já em dois turnos, agitava o Congresso. Na parada militar de 7 de setembro, em Brasília, a rusga pessoal entre Aureliano e Figueiredo — que permaneceu de costas para seu vice o tempo todo —



O homem de todos

confundia imprensa e opinião pública. O ministro da Marinha, Alfredo Karam, dissipava dúvidas: "Queremos tranqüilidade. Que se obedeça à lei da sucessão".

No dia 10 de setembro, Tancredo foi ao Rio, onde o acontecimento mais surpreendente foi o cortejo de populares que espontaneamente seguiram seu carro. Suas palavras de ordem passaram, então, a apresentar as soluções que interessam de perto à Nação: "Não é mais possível submeter os direitos de 130 milhões de brasileiros aos interesses de uma centena de banqueiros internacionais". Quatro dias depois, a resposta dos 400 mil goianos, que foram ao primeiro comício oficial de sua candidatura.

Ao respaldo popular, Tancredo continuou a somar apoio político. "Ele tem todas as condições para cumprir a etapa de transição política para o futuro" — admitiu o líder governista Nelson Marchezan. Pela primeira vez, o candidato da Aliança Democrática arriscou que venceria com mais de cem votos de diferença, antecipando também que

Maluf ganharia somente no Estado de Mato Grosso.

Não apenas seus correligionários confiavam em suas previsões. Em visita ao Congresso, encontrou-se casualmente com o candidato à Vice-Presidência pelo PDS, Flávio Marcílio, que lhe apresentou o vice-governador da Bahia, o malufista Edvaldo Flores. Seu cumprimento: "Muito prazer, presidente". Apesar da tensão, essas manifestações alimentavam seu bom humor. No mesmo dia, cruzou com Calim Eid — chefe da campanha malufista — nos corredores do Congresso. "Olhem bem: o Calim não deixou nada em minhas mãos" — brincou com os jornalistas.

Naquele fim de setembro, o desespero dos malufistas era tanto que o candidato passou a prometer a reeleição aos deputados que votassem nele. A resposta de Tancredo foi definitiva: "É uma verdadeira afronta ao Congresso". A fim de evitar novas propostas descabidas de seu adversário, pediu em Porto Alegre a regulamentação do colégio eleitoral, "para não agravar a anomalia".

Enquanto Tancredo comparecia ao encontro dos agricultores no Rio Grande do Sul, falando para mais de 80 mil no Estádio Beira-Rio, Maluf era recebido com vaia em Recife. Temendo a exaltação dos ânimos, o candidato da Aliança Democrática assinalou que "intolerância e inconformismo não se coadunam com a pregação democrática".

Em 5 de outubro, foi novamente ovacionado no Congresso Nacional de Municípios, em Camboriú (SC). Depois de reunir-se com o ex-presidente norte-americano Jimmy Carter, no Rio, Tancredo falou a um grupo de empresários de multinacionais, avisando que "do capital externo se espera que aceite conosco os riscos de construir uma sociedade politicamente aberta". Explicou também que não anunciou um programa de governo porque pretendia que surgisse "de baixo para cima". Sem restrições, visitou no mesmo dia líderes metalúrgicos de São Paulo e justificou: "A transição democrática passa pelo contrato social do trabalho".

O casuísmo da Mesa do Senado, mudando os critérios de escolha dos delegados estaduais ao colégio eleitoral, não abalou Tancredo: "O PMDB vai reconduzir todos e ainda espero valiosas adesões entre delegados do PDS". Sem interromper sua trajetória de campanha, anunciou que tencionava estabelecer um pacto social como o de Moncloa, na Espanha, adiantando que seu programa não representaria "apenas o objetivo de um homem, mas a expressão da vontade nacional".

Em visita ao Norte do País, reforçou a tese: "Nossa bandeira é a da justiça social, para que não haja no País lar sem pão, criança sem escola ou doente sem hospital". Em Belém, cem mil ouviram seu discurso; em Manaus, outros 60 mil foram aclamá-lo. Para arrematar, Tancredo fez uma declaração de independência aos jornalistas estrangeiros: "Se nessas promessas de campanha tivéssemos que buscar as opiniões dos americanos, não teríamos mais condições de sobrevivência política".



Com Ulysses Guimarães, uma articulação bem-sucedida. Passo a passo